

## ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO HUMANO

**Marleide Mateus de Jesus<sup>1</sup>**  
**Arlete Ramos dos Santos<sup>2</sup>**

**RESUMO:** A presente pesquisa traz uma reflexão sobre os espaços formais e não formais para o desenvolvimento humano. Considerando que a educação em sua integralidade e sob a influência do mundo contemporâneo, passa por constantes mudanças, o processo de formação do indivíduo deve acontecer de forma integrada conforme a coletividade e a individualidade de cada um. Os diferentes espaços educacionais precisam ser articulados a fim de formar sujeitos pensantes integrados às necessidades sociais. Entende-se que todo conhecimento científico passa por mudanças, por esse motivo precisa se adequar aos novos espaços de aprendizagem, onde uma forma de educação não substitui a outra, mas são complementos no processo de desenvolvimento humano. Por essa razão, a fim de que se alcance resultados significativos, os diferentes espaços que geram conhecimento devem ser entendidos como meio de se enfrentar as desigualdades e exclusões sociais.

**Palavras-chave:** Espaços não formais. Conhecimento. Espaços formais.

### INTRODUÇÃO

Conforme Dessen e Guedea (2005), quando se fala em educação, chega-se às questões relacionadas ao desenvolvimento humano. Nesse contexto, é preciso considerar que o conhecimento é interdisciplinar, pois há uma relação à qual acontece por meio da articulação existente entre as diferentes perspectivas e saberes de cada indivíduo. Por esse motivo, os espaços que contribuem para o desenvolvimento humano têm sido tema relevante entre estudiosos.

Nesse sentido, consideram-se dois espaços: os formais e não formais. O primeiro representado pela escola com sua organização sistemática; o segundo, são espaços em que a

---

<sup>1</sup>Especialista em Gestão Escolar, Supervisão e Orientação (UNIASSELVI); Psicopedagoga: Especialista em Educação, Cultura e Diversidade (UNIASSELVI); Especialista em Educação do Campo (UNIASSELVI). Aluna Especial de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB na disciplina Educação, Movimentos Sociais, Trabalho e Formação Humana. E-mail: [marleidenegra@hotmail.com](mailto:marleidenegra@hotmail.com).

<sup>2</sup> Profª Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem – DCHEL; Docente do Programa de Pós Graduação em Educação - PPGEd/UESB e do PPGE/UESC; Doutorado em Educação FAE/UFMG; Pós-doutorado Movimentos sociais e Educação pela UNESP; Coordenadora do Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e Cidade – GEPED/UESC. E-mail: [arlerp@hotmail.com](mailto:arlerp@hotmail.com)

educação responsável pelo desenvolvimento humano acontece de maneira voluntária. Estes podem ser em instituições religiosas, em ONGs, em ambientes que ocorrem iniciativas particulares e coletivas e outros.

Surgem, portanto, inquietações quanto à necessidade de se fazer ponderações, priorizando os espaços formais e não formais de aprendizagem. É preciso buscar entendimento em meio à demanda cada vez mais crescente de entendimento quanto à temática. Por esse motivo, como valorizar o conhecimento humano compreendendo a importância dos espaços formais e não formais, conformes às atuais necessidades coletivas e individuais do indivíduo?

Compreende-se que o desenvolvimento humano em sua integralidade tem como fator relevante as características provenientes de seus espaços. Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender questões definidas pelos espaços educacionais formais e não formais para a formação do indivíduo. Como objetivos específicos, o estudo prioriza identificar a influência dos espaços formais na sistematização do conhecimento, refletir sobre as particularidades de cada espaço, inferindo os ambientes não formais como meio de desenvolvimento coletivo e individual.

A pesquisa será realizada, obedecendo as seguintes partes: revisão de literatura sobre a temática; em seguida, realização de uma pesquisa na internet de caráter documental, por meio de algumas ferramentas com o intuito de encontrar trabalhos já publicados e, por último, a análise de conteúdos encontrados que servirão de base para a proposta em questão. O trabalho vai se pautar nas referências disponíveis sobre o tema ou mesmo, conferindo embasamento teórico e metodológico para o desenvolvimento do estudo. Será realizado, portanto, um levantamento teórico atualizado, priorizando as últimas discussões, reflexões, estudos os quais possam dar uma resposta acerca da problematização feita.

O presente trabalho se justifica porque é importante compreender os espaços onde são gerados conhecimentos que atendem às exigências particulares, inerentes a cada pessoa.

### **Conceituando Educação Formal e Educação Não Formal**

Para Saviani (2015), há uma relação estreita entre educação e humanidade, segundo a qual, essa concepção se firma no fato de a educação ser algo particular do indivíduo. É através de sua especificidade, do ato de fazer seleção e, por consequência, do transmitir saberes distintos que a educação se torna diversa, atravessando o espaço escolar.

Sendo a educação um processo contínuo e individual, esta envolve uma diversidade de métodos, recursos e ambientes compartilhados. É, ainda, um processo pela qual todo indivíduo adquire habilidades, conhecimentos, atitudes e valores, relacionado a estímulos e inibições a partir de experiências com base em recursos e influências do ambiente, como a família, os vizinhos, as brincadeiras ou a feira local, a mídia e outros.

Nesse contexto, Ghanem e Trilla (2008) sinalizam a Educação Formal é aquela sistemática que acontece nos ambientes escolares por ter como característica estruturas hierárquicas, divisão cronológica e gradual do conhecimento. Por outro lado, a educação Não Formal são atividades educacionais organizadas e sistematizadas fora da sistematização escolar. Para Gohn (2020, p.12), “é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade”.

Nesse processo, estão inseridos grupos específicos que não foram originalmente concebidos como educacionais, tais como atividades de lazer e de esporte, serviços de saúde, projetos de desenvolvimento de comunidades e regiões específicas. É importante salientar que a real educação deve ter como ponto inicial:

[...] os parâmetros de um ser humano concreto e historicamente situado e contribuir para que se perceba, se organize e se reconheça como sujeito coletivo e cidadão de direito. Em síntese, como mulheres e homens de possibilidades (SANTOS; OLIVEIRA; COELHO, p.66).

A educação não formal, nessa percepção está articulada com a educação voltada para a cidadania, como democratização do conhecimento. O sujeito em seu processo formativo se torna apto a interagir com o outro em sociedade, respeitando os seus e os limites do outro dentro da diversidade. Por esse motivo, a educação formal e sua sistematização precisa de reflexão ao fazer direcionamentos para os indivíduos, uma vez que a prática cotidiana “se dirige também a pensar o lugar que esses sujeitos ocupam” (SANTOS; OLIVEIRA; COELHO, p.28). Vale ressaltar que essa percepção dos autores pode ser direcionada para todos quando o que está em foco é o desenvolvimento da formação humana.

Vale ressaltar que a formação humana é, de forma geral, a preparação do indivíduo para que ele se torne um ser crítico e consciente de suas ações em prol da sociedade. Assim, faz-se necessário associar essa formação às condições do meio que o mesmo está inserido. Vale ressaltar que mesmo o processo educativo sendo estabelecido pelo contexto social, este

processo mantém uma interação responsável por condicionar o ser humano a ter condições não apenas de reproduzir aquilo que é, mas sim aquilo que a pessoa poderá ser para si e para a sociedade (SAVIANI; DUARTE, 2010).

Nesse bojo, é importante salientar que a educação formal e não formal possui objetivos e meios que são intencionais. A primeira é estruturada intencionalmente, sistematicamente de forma prévia. O ambiente escolar representa bem esse contexto; a segunda, apesar de ser sistemática, as relações pedagógicas não são formalizadas, porque os espaços de conhecimento proveniente, por exemplo, de uma feira livre, de um evento público, de um ambiente voltado para a religião que pode ser qualquer uma delas e outros (BORGES, 2010).

Contrapondo com a ideia anterior, vale ressaltar ainda nesse entendimento de educação formal e não formal no processo de desenvolvimento do conhecimento, com base no pensamento de Gadotti (2009), entende-se que qualquer educação, mesmo que de maneira parcial, é formal, por não haver educação a qual não tenha intenção, mudando-se apenas o cenário da intencionalidade com maior ou menor grau de formalidade.

### **Espaços formais e não formais na sistematização do conhecimento**

Partindo do que vem a ser o conhecimento na visão de Freire (1996), algo que determina o modo como a pessoa constrói e vivencia o mundo, logo se reflete sobre os espaços onde esse conhecimento é adquirido e surge o questionamento quando se pensa na formalidade educacional que acontece nos espaços físicos escolares. As práticas pedagógicas nesses ambientes evidenciam bastante o papel docente e o discente. O primeiro é o sujeito de ensino; o segundo, o da aprendizagem (OLIVEIRA, 2009).

Assim, vai se construindo uma sistematização do conhecimento, a capacidade que o ser humano tem de perceber, compreender as coisas dentro da diversidade de cada um, em prol de uma busca desenfreada no contexto social de cada pessoa em detrimento de outros conhecimentos que contribuem para integralidade do conhecimento humano. O problema da educação dos espaços formais é a falta de sintonia com o que preconiza a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quando se refere às competências fundamentais a serem desenvolvidas mesmo no ambiente formal da educação. As competências a serem desenvolvidas:



[...] pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 27).

Percebe-se que há uma visão que objetiva solucionar problemas relacionados ao atual contexto educacional, quando se destaca a necessidade de se fazer desse espaço formal chamado de escola, um ambiente de conhecimento efetivo. No entanto, o que se percebe é que mesmo em meio às mudanças provenientes do mundo contemporâneo, o mundo mudou e continuará as unidades escolares se distanciam cada vez mais dessas inovações, necessidades inerentes ao contexto moderno (BORGES, 2010).

Conforme Ferreti (2018), a BNCC fragmenta o conhecimento e, por consequência, a formação humana quando ignora questões que fazem parte do atual contexto social a exemplo dos debates voltados para a orientação sexual e outras temáticas. É um documento que ainda precisa passar por mudanças se o que se quer alcançar tem como base competências e habilidades diversificadas. Conforme orientações da Base Nacional Curricular Comum, não há ruptura com as práticas passadas, existem apenas novas maneiras de direcionamentos para que o docente trabalhe em suas aulas em prol de uma formação humana.

Avançou-se na direção da aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dos enfrentamentos gerados com o projeto Escola sem Partido, conforme demonstram os autores, e o processo de formação docente com sua adequação automática às competências da BNCC (SANTOS; NUNES, 2020).

Por esse motivo, um problema ainda a ser pensado, refletido e resolvido é que sendo a escola a instituição reconhecida pela sociedade como símbolo de conhecimento e, por consequência de desenvolvimento humano, faz-se necessário que a mesma não continue se distanciando da realidade das pessoas (OLIVEIRA, 2009). Esse fato de distanciar-se em meio ao ambiente sistemático torna esse espaço educacional o responsável pela disparidade existente entre as ações da sociedade não formais e as ações formais. Essa situação inibe o desenvolvimento integral da pessoa.

Nesse contexto, o ser humano ao adquirir conhecimento nos espaços formais, embasados em leis, precisa ter como retorno um ensino que promova o aprendizado. O ensino formal ganha uma dimensão muito importante nesse ensejo burocrático próprio dessa modalidade educacional na qual o sistema incute uma separação entre formal e não formal. Ou seja, divisão que recai sobre o professor a responsabilidade de ensinar e a de aprender sobre



aluno, fazendo com que os espaços formais sejam supervalorizados em detrimento aos espaços não formais (MARANDINO, 2017).

Nessa concepção, é importante inferir o ato de conhecer o qual é natural por ser um processo contínuo da vida e o saber, o responsável pelo prazer de conhecer. O ato de conhecer, no contexto de formalidade educacional, tem preocupado o espaço sistemático do conhecimento, pois os entraves inerentes a eles, não permitem que o indivíduo se reconheça no processo. Schram e Carvalho (2007) sinalizam que o conhecimento exige esforço e determinação e por esse motivo não deve ser forçado. Assim, os espaços formais devem priorizar a aprendizagem de forma natural e constantemente renovada por novas descobertas que muitas vezes estão nos ambientes informais.

No entanto, é preciso ressaltar que os espaços formais que fazem parte do desenvolvimento humano sofreram mudanças nas últimas décadas. Essas mudanças corroboram, mesmo que de forma abaixo do ideal, com um ensino responsável pela formação integral do indivíduo. Isso se deve ao fato de as metodologias aplicadas em contexto escolar serem direcionadas aos educandos no processo educacional no que diz respeito à reconstrução de seus conceitos como sujeito sociais (BORGES, 2010).

Assim, é importante fazer reflexões sobre o espaço formal, porque este tem grande participação no que diz respeito ao desenvolvimento humano. Segundo Maradino (2017), o ambiente escolar e outras instituições mesmo de forma sistematizada precisam se relacionar com os espaços não formais, visto que todo indivíduo sofre interferência desses ambientes.

Nesse contexto, muito se fala de qualidade na educação. Essa qualidade muitas vezes está baseada somente em resultados sistemáticos de algumas avaliações externas feitas sem considerar a aprendizagem possível em todos os espaços possíveis de aprendizagem. Nesse contexto, Saviani (2007) destacou que o Plano de Desenvolvimento da Educação lançado no ano de 2007 teve apoio da sociedade e “foi saudado como um plano que, finalmente, estaria disposto a enfrentar esse problema, focando prioritariamente os níveis de qualidade do ensino ministrado em todas as escolas de educação básica do país”.

No entanto, o que se vê é um desempenho estagnado do conhecimento sistemático dos espaços formais e pouca relevância dada ao que podem oferecer os espaços não formais no processo formativo, de desenvolvimento do ser humano. Esse contexto indica que é preciso entender o conhecimento que se desenvolve para além dos muros escolares (MACIEL; FACHÍN-TERÁN, 2014).

Nesse ensejo, cabe dizer que a educação, a aprendizagem adquirida, desenvolvida no contexto fora da escola não nega a educação formal. O fazer pedagógico mesmo que sistematizado se relaciona com o fazer pedagógico não formal. Assim, o entendimento de aprendizagem para o desenvolvimento do conhecimento humano indica uma colaboração existente entre os dois espaços, partilhando as diversificadas maneiras de aprender (PINHEIRO, 2020).

O sujeito se torna atuante quando a ele é dado mecanismos para que se desenvolva no coletivo e individualmente. Esse fato se dá em grande parte nos espaços não formais de educação.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos [...] (GOHN, 2006, p.2).

É indiscutível que os ambientes fora das instituições formais de ensino dão uma bagagem ao sujeito capaz de gerar recursos metodológicos enriquecedores ao conhecimento, ao desenvolvimento do ser humano. Essas diferentes formas de ensino, aprendidas em lugares como festas populares, templos religiosos, associações de classe, movimentos sociais e outros trazem em si práticas pedagógicas que divergem do habitual ambiente escolar. Nesses espaços produzem arte, experimentos, desenvolvem de diferentes trabalhos. São lugares em que são oferecidos e disponibilizadas possibilidades para que a pessoa possa aprender e expressar os novos conhecimentos adquiridos, contribuindo (MACIEL; FACHÍN-TERÁN, 2014).

É importante, pois, uma ressalva sobre o que se entende por desenvolvimento individual e coletivo do sujeito no contexto da formação humana. O individual está ligado às atividades específicas para o fomento das potencialidades da pessoa em particular (ROCHA, 2010). Agrega, pois, valor capitalista uma vez que o objetivo principal não está centrado no todo, mas sim no que o sujeito pode desenvolver em benefício de uma parte apenas. Esse desenvolvimento individual se dá nas instituições formais, necessariamente, nas escolas públicas ou privadas, nos cursos técnicos ou de treinamento.

Em contrapartida, o desenvolvimento coletivo é aquele se dá por meios de valores que visam o bem da pessoa e do outro nas práticas sociais, respeitando a diversidade. São nos espaços não formais que muitas vezes se desenvolve o caráter voluntário, a socialização, a

solidariedade VIEIRA; BIANCONI; DIAS, 2005). Nesses espaços, é inerente a participação objetivando o todo, pois estimulam a investigação e a relação dos membros do grupo de maneira descentralizada, sem priorizar o capital para si em detrimento do outro.

O trabalho produtivo nasce da consciência própria do coletivo, de se estar inserida no desenvolvimento da sociedade, da qual deve participar ativamente, fazendo suas, também as conquistas efetuadas no plano econômico (CAMBI, 1999, p. 561, APUD, SANTOS, 2010, p.54-55).

Dessa forma, compreende-se que os espaços não formais de ampliação do conhecimento possuem em si um todo composto por valores coletivos e também individuais, bem como crenças, propostas e diretrizes responsáveis pela organização social em torno das pessoas (MACIEL; FACHÍN-TERÁN, 2014). Por esse motivo, os espaços formais de conhecimento necessitam ser repensados no sentido de que os anseios coletivos e individuais são alcançados à medida que a realidade, os desejos dos indivíduos são respeitados. Um deve complementar o outro, pois o conhecimento necessário no processo de desenvolvimento da formação humana está em todo lugar, não o adquirimos só em espaços formais. Pode ser adquirido em contato com a realidade, superando a ótica capitalista que distancia o sujeito do bem que beneficiará o todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer a articulação entre todos os ambientes de aprendizagem, sejam eles formais ou não é uma demanda da sociedade atual. É por esse motivo que o atual contexto pede pessoas, capazes de dominarem conhecimentos diversos, dentro da própria diversidade tão presente no meio educacional. Por isso, há uma necessidade em envolver os diferentes espaços de se desenvolver a formação do ser humano.

Assim, enquanto os espaços formais são responsáveis pela sistematização da educação e, por consequência, trazem em si a importância de desenvolver saberes, os espaços não formais viabilizam as práticas sociais na construção de diferentes valores para a participação coletiva e desenvolvimento individual do ser humano.

A resposta para os anseios em torno da discussão de como conciliar os espaços formais e não formais de desenvolvimento do conhecimento humano, está em valorizar o dia a dia do



indivíduo, nas diferentes relações familiares, grupais e individuais. É uma solução que será alcançada a partir de uma prática que tem raiz em uma motivação pessoal.

Conforme as perspectivas de que o desenvolvimento do conhecimento humano passa por um processo educativo diverso, pontua-se que os espaços formais e não formais são geradores do conhecimento o qual deve ocorrer sempre nos diferentes ambientes de forma a respeitar limites, diferenças e características pessoais de cada indivíduo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, C. Juliana. **Perspectivas educacionais em revista: explorando as interfaces da educação social.** 2010. Disponível em <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n3/n3a02.pdf>>. Acesso em: 08/05/21.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 12/05/2021.

CARVALHO, A. M. P. de. et al. **Ensino de Ciências: Unindo a Pesquisa e a Prática.** São Paulo: Thomson, 2004.

DESSEN, M. A.; GUEDEA, M.T.D. **A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise.** Paideia. 2005; 15(30):11-20.

FERRETI, C. J. **A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação.** Ensino de Humanidades • Estud. av. 32 (93) • May-Aug 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/RKF694QXnBFGgJ78s8Pmp5x/?lang=pt>>. Acesso em: 03/06/21.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996. p.166. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/3221-7737-1-PB.pdf>. Acesso em: 31/05/21

GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009, 127p. (Educação Cidadã, 4).

GHANEM, E.; TRILLA, J. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2008.

GOHN, M. G. **Educação não formal na pedagogia social.** An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006. Disponível em

<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000092006000100034](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034)>. Acesso em: 16/05/21.

\_\_\_\_, M. G. **Teoria dos Movimentos sociais**. Disponível em <http://flacso.org.br/files/2016/10/120184012-Maria-da-Gloria-Gohn-TEORIA-DOS-MOVIMENTOS-SOCIAIS-PARADIGMAS-CLASSICOS-E-CONTEMPORANEOS-1.pdf>. Acesso em: 06/05/21.

\_\_\_\_, M. G. Educação Não Formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação v.7, n.7.7** – 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/3259-Texto%20do%20artigo-9796-2-10-20200507.pdf>. Acesso em: 01/06/21.

MACIEL, H. M.; FACHÍN-TERÁN, A. **O Potencial Pedagógico dos Espaços Não Formais da Cidade de Manaus**. Curitiba, PR: CRV, 2014. 128p. Disponível em <http://files.ensinodociencia.webnode.com.br/200001116-43684455da/O%20potencial%20pedagogico%20dos%20espa%C3%A7os%20nao%20formais%20de%20Manaus.pdf>. Acesso em 10/05/2021.

MARANDINO, M. **Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?** Editorial. 2017. Ciênc. educ. (Bauru) 23 (4) • Oct-Dec 2017 Disponível em <http://www.scielo.br/j/ciedu/a/cmjvH7v4mFZMsdjV5bWLJfM/?lang=pt>. Acesso em 15/05/21.

PINHEIRO, R. A. **Atuação dos pedagogos em espaços não formais de educação**. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Faculdade de Educação Pedagogia. 2020. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12890/1/RPinheiro.pdf>>. Acesso em: 10/05/21.

ROCHA, S. C. B.; FACHÍN-TERÁN, A. **O uso de espaços não-formais para o ensino de ciências na Amazônia**. 2013. Disponível em <<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0602de01.pdf>>. Acesso em: 03/06/21.

SANTOS, A. R. **A gestão educacional do MST e a burocracia do estado**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas. 2010. Gerais, Programa de Pós-graduação em educação: conhecimento e inclusão social.

SANTOS, A. R.; OLIVEIRA, J. M. S.; COELHO, L. A. (Org.) **Educação e sua diversidade**. 3. ed. Ilhéus: Editus, 2017. v. 1. 322p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8t823/pdf/santos-9788574554891.pdf>. Acesso em 06/05/21.

SANTOS, A. R. dos; NUNES, Cláudio Pinto. **Reflexões sobre políticas públicas educacionais para o campo no contexto brasileiro**. Editora da Universidade Federal da Bahia. 2020. Disponível em

<file:///C:/Users/Acer/Downloads/Reflexoes%20sobre%20politicass%20publicas-repositorio-.pdf>. Acesso em: 01/06/21.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **A formação humana na perspectiva histórico-ontológica**. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yXjXQvzWfhSp5VNHX6KqKLh/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 31/05/21.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015. Disponível em <<file:///C:/Users/Acer/Downloads/13575-42133-1-PB.pdf>>. Acesso em: 31/05/21.

SCHRAM, S. C.; CARVALHO, Marco A. B. **O pensar educação em Paulo Freire: Para uma Pedagogia de mudanças**. 2007. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>>. Acesso em: 14/05/21.

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. **Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências**. Ciência e Cultura, São Paulo, n. 4, Oct./Dec. 2005. Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a14v57n4.pdf>>. Acesso em: 03/06/21.